

Acredito que recebi de Deus o dom de um perdão imenso? Sinto a alegria de saber que Ele está sempre pronto a perdoar-me quando peço, até quando os outros não o fazem, ou até quando nem eu próprio me consigo perdoar? Ele perdoa: acredito que Ele perdoa? E depois: sei perdoar, por minha vez, aqueles que me ofenderam?

Papa Francisco, *Angelus*, 17 de setembro de 2023



Boletim de Espiritualidade

1 OUTUBRO 2023
Ano X Nº 112



Agenda outubro 2023

- 2 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Nuno Santos [📍](#)
- 3 **Porto** (C. Cultura Católica) – *A fé dos jovens: Ressonâncias e desafios da Jornada Mundial da Juventude* [📍](#)
- 4 a 8 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Encontro nacional da Família Vicentina [📍](#)
- 7 **Braga** (Casa de Soutelo) – Corações resilientes: *Ciclo de meditações associadas ao desenvolvimento de competências* [📍](#)
- 7 **Fátima** (Santuário) – Família Franciscana em peregrinação [📍](#)
- 11 **Azambuja** (IDFC) – *O sacramento da Eucaristia: o ritual da missa* – P. Nuno Tavares [📍](#)
- 11 **Amoreiras** (IDFC) – Jesus Cristo para lá do Cristianismo – P. Peter Stilwell [📍](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 12 a 15 **Braga** (Casa de Soutelo) – Orando com Maria [📍](#)
- 16 **Azambuja** (IDFC) – *Bíblia 2: Antigo Testamento* – Prof. Jean-Pierre Neuville [📍](#)
- 18 **Parede** (IDFC) – *Eu sou o teu Deus: Introdução ao estudo do Antigo Testamento* – P. Ricardo Freire, SCJ [📍](#)
- 18 **Monte Abraão e Alverca** (IDFC) – *Teologia 3: Eclesiologia, Sacramentologia* – Juan Ambrosio [📍](#)
- 12 a 20 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 14 **Online** – De Véspera com Santa Teresa de Jesus [📍](#)
- 15 a 21 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: *“Forças e Virtudes para hoje”* – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF [📍](#)
- 16 a 20 **Fátima** (Santuário) – Retiro – Fr. Luís Oliveira, OFM [📍](#)
- 20 a 22 **Fátima** (Domus Carmeli) – XI Congresso de Espiritualidade: *A Espiritualidade no Feminino* [📍](#)
- 20 a 22 **Ávila** (CITeS) – Primeiro Congresso do Circulo Ibero-americano Mestre Eckhart [📍](#)
- 21 **Braga** (Carmo) – Encontros junto à Fonte – P. Carlos Vieira [📍](#)
- 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – A arte do encontro [📍](#)
- 22 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [📍](#)
- 26 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 27 a 29 **Fátima** (Santuário) – Curso: mensagem de Fátima [📍](#)

- 28 **Ávila** (CITeS) – XIII Jornada da Cátedra de Edith Stein: *Sentido e sofrimento*. Antropologia, psicologia e espiritualidade [📍](#)
- 30 **Online** (IDFC) – Introdução à Missão do Catequista – Sandra Santos [📍](#)

Agenda novembro 2023

- 2 a 5 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 6 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Elsa Rodrigues [📍](#)
- 6 **Online** – De Véspera com Francisco Palau [📍](#)
- 6 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 6 a 10 **Fátima** (Santuário) – Retiro – P. João Rego, OCD [📍](#)
- 7 **Porto** (C. Cultura Católica) – *Raízes e matizes da alegria cristã: Uma abordagem bíblica* – Domingos Areais [📍](#)
- 7 **Online** – De Véspera com S. Isabel da Trindade [📍](#)
- 9 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 9 a 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 10 a 12 **Fátima** (Domus Carmeli) – 4º módulo da Escola de Maria: «Maria, Mulher fecunda» [📍](#)
- 10 a 12 **Braga** (Casa de Soutelo) – Retiro temático de silêncio [📍](#)
- 20 a 24 **Fátima** (Santuário) – Retiro – D. Manuel Pelino [📍](#)
- 16 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [📍](#)
- 17 **Ávila** (CITeS) – Simpósio internacional: *Islamismo e Cristianismo, duas religiões pela paz* [📍](#)
- 17 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Pausas para Deus [📍](#)
- 18 **Braga** (Carmo) – *Tardes com Deus* [📍](#)
- 24 a 26 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama II [📍](#)
- 24 a 26 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento [📍](#)
- 26 **Avessadas** – Domingo das bênçãos [📍](#)

Pastoral da Espiritualidade

Carmelitas Descalços

Plano de Atividades
2023-2024



Os orantes dos salmos bíblicos

Armindo Vaz, OCD

Os salmos bíblicos, oração que brotou de um povo ao longo de uns 800 anos, também foram a linguagem usada por Jesus para pôr a sua alma em oração. Foi por eles que Jesus se expôs e se exprimiu diante de Deus. Morreu murmurando um versículo do salmo 31,6: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Assim, hoje podemos rezar com as mesmas palavras com que Jesus rezou. Porque os salmos foram expressão da vida real de tantos orantes, são vida em movimento, olhar do coração para o lado e para o Alto, oração do salmista mas também de milhões de orantes até Jesus e de biliões de pessoas desde Jesus até hoje. Foram compostos em oração e para serem rezados. São palavra de Deus feita palavra de oração a Deus. São o canto do homem que torna a Deus, orientando a história para a eternidade, porque vêem o Eterno na história.

O conjunto de todos eles representa os melhores orantes bíblicos até Job e até Jesus. E o essencial da profundidade da sua espiritualidade está no facto de nos porem a «existir diante de Deus» (*Revista de Espiritualidade* 30, nº 118 [2022] 127-142), de fazerem a alma ter sede do Deus vivo (Sl 42,1-6) e ansiar por ver o seu rosto: «O teu rosto, Senhor, eu procuro; não escondas de mim o teu rosto» (Sl 27,8). Mas a infinita necessidade de Deus sentida pelos salmistas seria menos verdadeira se subestimassem a importância do ser humano, o real e potencial orante. Ora, o que neles se verifica é que, longe de o subestimarem, o humano está sempre no outro pólo da procura do ser de Deus. Os salmistas partilham muitas das inquietações da Bíblia sobre o ser humano, onde ele é constantemente tema polar e motivo condutor da longa sinfonia que soa ao longo de toda ela: ela faz aparecer Deus à procura do Homem e o Homem à procura de Deus. Este é procurado e querido como indispensável por aquele e para dar sentido último à sua existência – se não, quem o daria? A preocupação do salmista pelo ser humano não incide só na sua existência; incide também na sua razão de ser e no seu fim. E são também diferentes as perguntas que sobre ele põe. Estas polaridades estão ilustradas, por exemplo, no salmo 8. Depois de se entusiasmar exaltando o ser de Deus com admirações contemplativas («Ó Senhor, Senhor nosso, como é admirável o teu nome em toda a terra!»), o orante concentra-se no ser humano e na relação dele com Deus: «Que é o ser humano para te lembrares dele, o filho do homem, para com ele te preocupares? Fizeste dele pouco menos que um ser divino». Igual pergunta – à procura – põe o salmo 144 sobre o humano, mas agora para olhar para a sua contingência: «Senhor, que é o homem, para te preocupares com ele? Que é um ser humano para pensares nele? O homem é semelhante a um sopro; os seus dias são como a sombra que passa» (144,3-4). Por baixo das carências que o salmista exprimia na oração, passava subtilmente a contingência existencial do ser humano face a Deus, como dizendo: para quê te esmeraste tanto com a alta perfeição de uma nuvem passageira? para que serve preocupares-te com o ser humano se, afinal, é como um sopro? Na realidade, porém, o salmista, professando a transitoriedade da



Pintor de ícone desconhecido, grego
Coro Angélico da Natividade – séc. XVI – Museu do Vaticano

condição humana, afirma simultaneamente a vontade de Deus se relacionar com o Homem pelo simples facto de existir; apesar de ser como a sombra que passa, é obra de arte digna da maior atenção, na individualidade única de cada pessoa, na capacidade de pensar, de comunicar e de se alegrar, na empatia e na compaixão para com outras pessoas. Faz-lhe eco S. João da Cruz: «Un solo pensamiento del hombre vale más que todo el mundo» (*Ditos de luz e amor*, 34).

Para o salmista, a oração não era apêndice da vida. Era sangue que corria nas veias, emoção que enchia as suas entranhas de israelita salvo. Era uma resposta de confiança em Deus, acreditado, aceite e escutado como libertador dos humanos: «Feliz o povo cujo Deus é o Senhor!» (Sl 144,15). Era uma atitude de humildade, porque quem orava com os salmos sabia que se integrava numa boa onda de graça: «O Senhor é excelso, mas repara no humilde» (Sl 138,6).

Por isso, a recitação dos salmos e os salmos em si sempre fizeram parte da paisagem humana, cultural e religiosa do povo que viveu na sua carne a audácia dos seus versículos. Cada israelita «nascia com os salmos nas entranhas» (A. CHOURAQUI, *Le Cantique... suivi des Psaumes* [PUF 1970] 83). Viviam-os como os cantava: «Louva, ó minha alma o Senhor! Hei-de louvar o Senhor na minha vida e cantar ao meu Deus enquanto existir» (Sl 146,2). Nos últimos três séculos a.C., os salmos já estavam e ficaram para sempre pegados à língua e ao paladar do povo bíblico como o espírito ao corpo, como a sombra à luz, como a voz ao canto. E sempre suscitaram atracção, pela sua força inspiradora, pelo fascínio poético e pela beleza espiritual, o desmedido que entra na medida.

A emoção lírica da sua palavra alavanca para a esperança mesmo os atormentados por uma guerra ou visitados por uma pandemia, ao verbalizá-las: «os inimigos, Senhor, acabaram em ruínas para sempre» (Sl 9,10); «não temerás a peste que alastra nas trevas nem a epidemia que devasta em pleno dia» (Sl 91,6). E oferece sentimentos de piedade, de entrega e de confiança em Deus, que aliviam agora outros orantes.

De véspera com... Teresa de Jesus

14 de outubro às 21h30



Ao longo do ano pastoral de 2023-2024 os Carmelitas Descalços continuarão a oferecer algumas propostas de formação na área da espiritual, via *online*, concretamente o «De Véspera com» no dia anterior à celebração litúrgica dos principais santos e beatos do calendário litúrgico próprio do Carmelo. Este momento de formação e oração constará de uma comunicação, às 21h30, na véspera da memória, festa ou solenidade do respetivo santo. Ao aproximar-se a celebração de Santa Teresa de Jesus, reformadora do Carmelo e doutora da Igreja, haverá no dia 14 de outubro, pelas 21h30, uma transmissão *online* com um momento formativo e espiritual orientado pelo P. Noé Martins. Será transmitido nas diferentes plataformas da Ordem dos Carmelitas em Portugal. [🔗](#)

Uma leitura bíblico-moral do Evangelho de Marcos

Outubro 2023 a janeiro de 2024



FACULDADE
DE TEOLOGIA
INSTITUTO RELIGARE

FORMAÇÃO AVANÇADA

**UMA LEITURA BÍBLICO-MORAL DO EVANGELHO DE MARCOS:
QUEM É JESUS? QUEM SÃO OS DISCÍPULOS?**

A faculdade de teologia da Universidade Católica Portuguesa, em cada ano litúrgico, oferece a possibilidade de renovar a aproximação a um dos Evangelhos Sinóticos. A partir de uma perspetiva interdisciplinar, a formação procura imprimir ao estudo novas perspetivas em ordem à compreensão do texto, valorizando as interpelações que dele decorrem. A dimensão prática e moral ajudará a uma melhor vivência do Evangelho de Marcos, perspetiva que contribuirá para poder traduzir as intuições de Marcos na vida das comunidades. [🔗](#)

Encontros junto à Fonte

Braga, 21 de outubro de 2023



A comunidade dos Carmelitas Descalços neste ano pastoral de 2023/2024 propõe, a toda a comunidade de fiéis cristãos, uma iniciativa de meditação e aprofundamento da Palavra de Deus chamada *Encontros junto à Fonte*. Este título dá mote a estes momentos orantes. Os *Encontros junto à Fonte* são uma proposta de encontro com Jesus, onde se procurará abrir as portas do coração a Cristo, para beber da Água Viva, a única que pode matar a nossa sede de Infinito e de Amor. Estes encontros realizar-se-ão todos os meses, no terceiro sábado, de forma intercalada com as *Tardes com Deus*, pelas 15:00h, na Sala Frei José do Espírito Santo (Igreja do Carmo), já a partir do dia 21 de outubro. [🔗](#)

Uma Igreja transformada pelo povo

Hervé Legrand, Michel Camdessus



Uma Igreja transformada pelo povo, de Hervé Legrand e Michel Camdessus, é uma obra poderosa que nos desafia e envolve para a necessidade da transformação da Igreja – destacando a importância da renovação espiritual e da abertura ao diálogo. A transformação fraterna do mundo, onde a solidariedade e a justiça social se tornam pilares fundamentais e a importância de uma Igreja sinodal e fraterna são também pontos essenciais da obra que apresenta uma reflexão sobre a importância de manter vínculos com as raízes que sustentam a fé.

Publicação: Paulinas editora [🔗](#)

cloustro

Ajudar a erguer os corações

feridos. Beatriz Lisboa, estudante na UCP, dirigiu ao Papa Francisco palavras de agradecimento, falou-lhe do seu estudo na área da filosofia, da situação de pobreza ambiental e social em que nos encontramos e da grande preocupação em recuperarmos, com a graça de Deus, a proporção própria da beleza da Sua Criação. [🔗](#)

A Missa do P. Abrunhosa salva-nos na noite escura.

Abrunhosa fora convidado pelo Papa Francisco para um encontro. Foi repentina a chuva informativa que causou este momento. Dela, fala-nos Frei João Costa, e dos mais seis artistas portugueses – Rui Chafes, Vhils e Joana Vasconcelos (artistas plásticos), Gonçalo M. Tavares e José Luís Peixoto (escritores) e Marta Braga Rodrigues (arquitecta) –, uns quantos mais da lusofonia, e outros muitos, num total de quase duas centenas. Percebendo o logro, deliciou-se nele e no acompanhamento do encontro do Papa com os artistas, na Capela Sistina, no dia 23 de junho de 2023. [🔗](#)



Teresinha, Mulher, Mulher *

Frei João Costa, OCD

Uma das razões pelas quais aos 2 do mês se escreve no DM sobre Santa Teresinha é por ela ser reconhecida, ainda hoje, como um expoente do *ser mulher*. Como a autoria deste texto é de um homem, perdoar-se-me-á a insurgência, já não tanto a ousadia que de tanto não se trata.

A história de Santa Teresinha continua a seduzir gerações em pós gerações. Quem não leu que leia a *História de uma Alma*, e verá que se verga à sua singeleza. Nos inícios da sua autobiografia conta ela uma pequena historietta sucedida na mais tenra infância; é mais ou menos assim: achou Leónia, a mais velha das irmãs, já ser grande demais para brincar com bonecas. Vai daí juntou tudo quanto tinha numa cesta: tesouras, fitas, botões, tecidos. E corou tudo com a sua boneca. Achevou-se às duas mais novas, Celina e Teresa, e disse algo parecido com: «*Queridas, escolham o que quiserem!*». Celina retirou uma linda bola de lã que a atraía, Teresinha, a mais nova das duas, e de todas, de apenas dois anos, replicou sem cerimónia: «*Eu escolho tudo!*». E retirou-se com a cesta, as linhas, as agulhas, os alfinetes, a boneca e tudo o demais!

Tudo, tudo!, é o lema de Teresinha enquanto menina impulsiva; sê-lo-á enquanto jovem vibrante, e prevalecerá enquanto mulher. Exploreemos neste texto três breves ensinamentos que no-la mostram como mulher relevante para os dias de hoje, e que bem podem ajudar todas as mulheres:

1. APRENDER A VALORIZAR-SE

É óbvio que a mulher é pelo que é, não pelo que lhe imponham ser, e menos ainda por emulação de modelos masculinos.

Volvidos 150 anos parece-nos impossível encontrar santa (ou pessoa) mais simpática que Teresinha. Não assim, porém. Na infância era ela absolutamente terrível, absolutamente impossível, absolutamente birrenta! Se algo não saía ao seu jeito atirava-se ao chão e berrava como uma perdida; é a mãe quem o confirma: «*Havia momentos em que a birra era tão forte que ela perdia a respiração!*»! Porém, aquela *Ivana* terrível que a todos do seu entorno fazia bufar, ao crescer, aprendeu a arte da empatia logo após ter percebido que a vida tem contrariedades e pessoas difíceis em qualquer lugar – até nos conventos (portanto, ainda mais difíceis de evitar)! No mosteiro de Lisieux achou uma superiora que se deliciava em humilhá-la, mas a jovem carmelita – talvez por sempre ter sido difícil... – rapidamente aprendeu a arte de lidar com pessoas difíceis, tratando sempre de gerar empatia com elas. Pouco a pouco, tornou-se tão consciente do seu valor, pelo que por mais que a destratassem logo cuidava de deixar de dar importância à detração. E cuidando de se autovalorizar, trabalhava conscienciosa e silenciosamente sem jamais chamar a atenção, e toda se empenhava na sua autoestima e em só honrar a Deus. Sozinha, e por sua iniciativa, conseguiu deixar de valorizar as opiniões negativas a seu respeito, e passou a viver mais alegre, tão alegre e empática com as pessoas chatas e antipáticas que estas passa-



ram a crer-se as mais estimadas pela jovencinha! E não é que ao crêscimo da sua empatia, estas nem sempre lhe devolviam um acrescento de simpatia?

2. VIVER FOCADA

As pessoas antipáticas despejam fel na própria comida e são ferozmente negativas; explique quem souber – talvez para que ninguém seja feliz à sua volta. Tão negativas são que, se em cargos de chefia, sempre encontram nos subalternos algo *por onde pegar para lhes azedar o dia*. E encontrando-o, certas ou não, empenham-se tão afinadamente nisso que logo o declaram com valor de decreto sem possibilidade de derrogação.

No Carmelo, Teresinha, sabemos-lo, elegera quase desde a primeira hora, ser empática. Empática, não indolente, nem jamais antecipadamente derrotada. Tantas vezes se viu injustamente acusada; tantas vezes humilhada sem razão... E que fez ela? Fugir não fugiu, chorar não chorou, mas também não terçou armas nessa guerra. Se a chefia a acusava de *preguiçosa* ou de *nada saber fazer*, jamais ela pensou em contestar verbalmente a acusação para se defender, pois sabia de que nada valeria; decidiu, em consequência, calar-se e focar-se em fazer o seu trabalho o melhor que podia e, dia a dia, melhor que no anterior.

Um dia apareceu um vaso quebrado no mosteiro. A superiora que era velha não se vergou nem o recolheu, antes logo tratou de cruzar-se com Teresinha e de a acusar de ser desleixada e de não ter recolhido os cacos. A jovem que culpas não tinha, poderia ter contestado, arrolar testemunhas de que não passara por lá, mas preferiu calar-se... e como não importava nem a sua inocência, nem quem tivesse partido o vaso, e não assumindo ninguém a culpa, foi ela ao local e varreu-os para o lixo. Por que falar para defender-se, se mais valem as ações que as palavras?

3. SÓ VIVER DE AMOR

Mestra do nosso tempo, compreendeu que nunca resulta desperdiçar energias em vão, e pronto compreendeu também que o caminho do amor é o caminho certo, que

o amor é a força invencível dos sem forças, que o amor é tudo. Compreendeu que o campo que sempre mais urge semear e cuidar é o coração humano porque é ali que se tomam as decisões que definem a vida. Compreendeu que nos abismos das fraquezas ou nos cumes da perfeição o mais importante é ter um coração aberto e disponível a Deus, para que Deus tudo faça e tudo transforme em Seu amor. Compreendeu, enfim, a força admirável da troca do tudo pelo tudo: que trocar o nosso tudo (que, na verdade, é nada) pelo tudo de Deus (que, na verdade, é Tudo) redonda em nosso favor.

Compreendeu que se nem sempre é fácil amar os amigos e até a própria família, já bem árdua e difícil é a ousadia de amar uma pessoa que parece não querer nem poder abrir-se à mudança. Em certa página Teresinha confia-nos a sua aversão natural – ou seria repulsa? – por determinada freira. E que fazer nessa situação? Amar. Amá-la. Teresinha escolheu amá-la, porque o amor é uma atitude, não um sentimento; e nessa opção nasceu uma das mais belas e inesquecíveis histórias de amor de sempre: um amor vitorioso, ainda que sem retorno, sem correspondência; diz: «*eu tratava de prestar-lhe todos os serviços que*

podia. Quando sentia a tentação de contestá-la de maneira desagradável, limitava-me a dirigir-me a ela da maneira mais encantadora possível: com o meu sorriso».

Definitivamente, uma pessoa difícil só nos pode prejudicar se nós o permitirmos. Aliás, sempre há uma alternativa ao beco. Óbvio é que seja difícil ou pareça impossível, mas a sua escolha e o seu exemplo revelam-nos que até a pessoa mais antipática do mundo pode transformar-se. E se não se transformar, bondosos, para com ela, sejam os nossos olhos. E não é que aos olhos de Deus, vale mais um sacrifício que fazer milagres?

E fecha-se aqui este texto por mais não poder alongar-se. As leitoras hão-de perdoá-lo por mal escrito e pela sua menor assertividade. Mas antes que alguém bondoso mo atire à cara, o que aqui dito fica para as mulheres, vale, de igual, para os varões.

(A concluir propomos que ouça *Vivre d'Amor*: <https://www.youtube.com/watch?v=n3kFfvBoZ4M>. O poema é de Teresinha, a interpretação é desconhecida.)

* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 2 setembro 2023

I Congreso Círculo Iberoamericano Meister Eckhart

Del 20 al 23
de octubre 2023

Presencial y online

TIE Círculo Iberoamericano Meister Eckhart CITEs

Colaboran:

Uma Teresa, duas Teresas, Três teresas, tantas Teresas (e duas palavras, e mais uma)

Frei João Costa, OCD

1. Os nomes são como as setas da rosa dos ventos – apontam sempre para algo, uma luz, um lugar. Uns sabem-me a terra, outros a imensidão maior. Por exemplo, para mim Teresa sabe-me a terra, a terra dura, a terrunho fértil, e a bastião de fecundidade. Miriam, Maria e Mariam cheiram-me, por sua vez, a maresia, e soam-me a imensidão de mar e de céu – não sei o que outros sintam, comigo é assim.

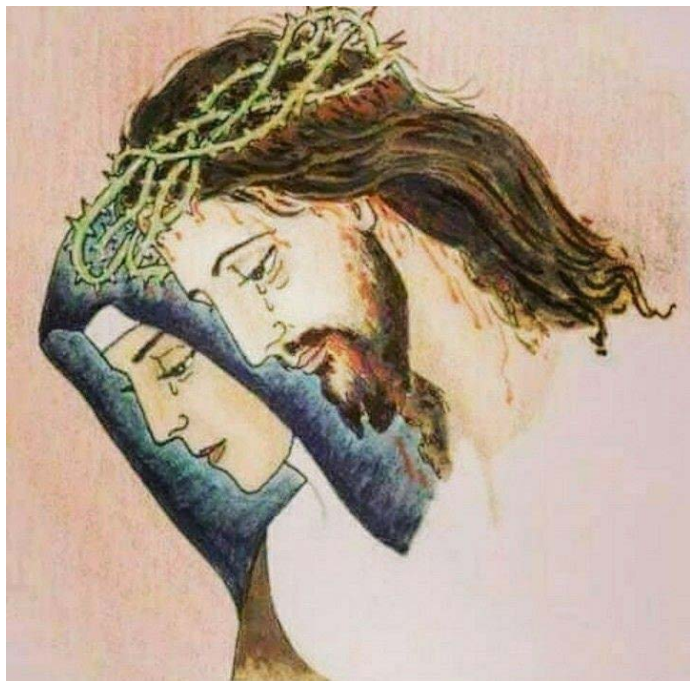
Reparei também que os nomes, de resto como os apelidos, se associam às linhagens familiares, embora não tanto como estes. Um exemplo: Na minha tribo as Corinas estão todas na mesma família, passando de mãe para filhas e netas, de madrinhas para afilhadas. As Irenes e as Cândidas também: cada uma segue o fio do sangue familiar. Já as Sameiro são recentes e estão sobretudo no Norte, por razões óbvias; Norte é um agregado de tribos, uma quase *naçom*, daí que se compreenda a eleição. Já não me parece o mesmo com as Fátimas, nem com as Lurdes, as Carmo, Carmen e Carminho, e as Franciscas, cujos nomes mais lhes advêm das simetrias espirituais que da raiz e da voz do sangue. Mas lá está, uma espiritualidade tem o seu quê de territorialidade.

No Carmo e no Carmelo é também assim, mas mais neste que naquele. O que quero dizer é isto: nos carmelos é frequente encontrar muitas Teresas, ou muitas irmãs de Santa Teresa. Nos carmos já não é tão comum encontrar Joões, ou frades de São João da Cruz, mas também os há. O que estranho haveria de ser era encontrar algum de São Domingos ou de São Francisco, mas nunca fiando, que a criatividade é muita.

Se o leitor e a leitora sobreviveram até aqui, sei que poderão estar prestes a mudar de página. Mas talvez o não devam fazer porque, tal como aponta o título, do que aqui quero falar é de palavras e de Teresas. Antes de lá chegar, porém, dizer-vos que na família de Teresa e de João da Cruz as Teresas são mesmo muitas. Também entre as santas, a começar pela mãe que de Ávila é (+1582); e além dela: Teresa Margarida do Coração de Jesus (Florença, 1770); Teresa de S. Agostinho (Paris, 1794); Teresa do Menino Jesus (Lisieux, 1897); Teresa Maria da Cruz (Florença, 1910); Teresa de Jesus dos Andes (Los Andes, 1920); Teresa de São João da Cruz (Guadalajara, 1939); Teresa Benedita da Cruz (Auschwitz, 1942). E as que já vêm a caminho...

No Carmelo, parece-me, Teresa é um programa único: ser santa. E de facto, tantas são iguais no nome, todas seguindo o Caminho, e por fidelidade a Quem as chamou, nenhuma igual a outra.

2. Falemos, então, de duas Teresas, visto que por razões diversas o ano de 2023 é seu. Uma é mãe, outra filha. Uma é águia, outra, pardalito. Uma, velha (morreu quase aos 68 anos), outra, jovem (morreu aos 24). Uma, generala, outra, soldado de caserna sem ir a combate. Teresinha viveu quinze anos na família, nove no carmelo; Teresa viveu vinte na família, vinte e sete de monja, e outros vinte como mãe da família que gerara. Teresinha não conheceu



mais que duas casas: a familiar e o carmelo de Lisieux; Teresa, muitíssimas mais: o solar paterno, o carmelo de Encarnação de Ávila, e outros quinze que fundou (e os palácios das amigas, em que houve de restar, por obediência, durante meses...). Por tal razão, no último período da sua vida de águia, o seu mosteiro era andante, em cima de uma carroça puxada por bois; ao passo que, por sua vez, o pardalito apenas contemplou o quadrado de céu que a justa generosidade dos claustros lhe concedia.

Quem conhece ambas monjas, as duas ama; quem não, ama a que conhece – o mais das vezes só a filha (e ignora olímpicamente a Fundadora, o que é quase um erro de lesa-fé!).

Visto que só se ama o que se conhece, em Portugal ama-se Teresinha, a filha, ignora-se a mãe Teresa. Mas não é por se saber que ela é filhinha de quem é que se lhe apõe o diminutivo no nome; é mais por causa daquele infantil e belo defeito nosso que é o de diminuir carinhosamente o objecto do amor como se lhe quiséramos dar colo; e também porque ela mesma a si se chamou Florzinha.

Há pouco mais de quinhentos anos nasceu a mãe perto de nós, em Ávila, cidade que daqui dista quinhentos passos. A filha, mais longe, em Alençon, Normandia, no norte de França, há cento e cinquenta anos, e para lá chegar são precisos o triplo.

Não há como esconder: Teresinha, a filha, está no coração dos portugueses; Teresa não. O facto condicionante, creio, é a distância temporal entre nós: a filha é quase nossa contemporânea, a mãe, não. Não se esqueça, porém, que a grande é a Grande, e a pequenina é a Pequenina. E não vem daí nenhum mal ao mundo e até todo o bem.

Mas vamos às efemérides:



Teresinha nasceu no dia 2 de janeiro de 1873, pelo que em 2023 passam cento e cinquenta anos do seu nascimento; e cem anos da sua beatificação (29 de abril). Quem a ama faz do presente ano um longo e feliz dia de aniversário. Pudera!

Por sua vez, este mesmo ano de 2023 (com início já no pretérito março de 2022) é também significativo, pois que nele se celebra o Quarto Centenário da Canonização da mãe Teresa, que até é ano jubilar na sua basílica construída sobre o quarto em que nasceu.

Por quais acrescidas razões, este ano de 2023 tanto bole com o nosso coração de carmelitas? Por muitas, pois nunca é demais celebrar a santidade dos amigos de Deus, neste caso, das amigas!

Vejamos algo mais:

De Santa Teresa disseram ser a maior mulher da história da Igreja depois da Mãe de Jesus! De Santa Teresinha, que é a maior santa dos tempos modernos! Duas santas, mãe e filha, águia e pardalito, e que santas – as maiores entre as maiores! A primeira é mãe dos espirituais; a segunda, irmã dos missionários. Como não celebrá-las gozosamente, portanto?

Mas há muito, muito mais. Ambas são Doutoradas da Igreja. Teresa, a primeira (1970), Teresinha, a última (1997). Santas Doutoradas tem sabor a lança metida no país dos púlpitos. Ser doutora quer dizer ser formadora, tanto de homens como de mulheres, ao longo e ao largo da roda do planeta. Repare-se mais uma vez: são mulheres falando em secular território de varões. Mulheres que ensinam; mulheres cuja palavra é sólida, evangélica e missionária. Sem subir a cátedra, e até contra a vontade varonil, elas ensinam gerações a fio. E quando por ser mulher mais obstava que ensinasse, Teresa ensinou. Ensinou pecadores e santos, filhas e filhos, frades e padres, bispos e papas; e leigos, desde as gentes da rua aos comerciantes, da pequena nobreza rural aos nobres das chancelarias e aos reis – todos feitos filhas e filhos seus! E o que é mais:

Teresa gostava de ensinar por se sentir impelida pelo Espírito a fazê-lo – lá tem Deus os caminhos só seus! Teresinha, mais discreta, menos óbvia, mas igualmente ardente – facto que de si não dependia – também ensinou. Escreveu cartas, mas não tantas como a mãe. Poesias e peças de teatro, q.b. E uma autobiografia que por tão universal nos fala como se nos falassem os pés de Jesus; digo: como se escrita fora – de joelhos, como Maria – aos pés do Mestre, e sob o Seu olhar terno e misericordioso.

Mãe e filha são doutoras improváveis. São inesperadas surpresas do Evangelho que o Espírito continuamente nos oferece; e são janelas de luz que se abrem para nos dizer que todo o segredo da vida cristã é ser-se de Jesus.

E são apóstolas indefetíveis. Em seu tempo, a pé ou de carreta, uma rilhou o pó dos impenitentes caminhos – ou seriam calvários? – castelhanos; outra teria gostado de ter percorrido toda a terra para plantar a cruz de Cristo – curiosamente foi esta, e não a primeira, a eleita como Padroeira dos missionários!

Plantar cruzes mundo fora bem pode ser o mais belo acto missionário; porém, regar flores não é menor nem menos fecundo. Uma e outra bem sabem quão tanto hoje urge o odor salvífico, quer o que provém do primeiro como do segundo acto.

3. A arenga poderia continuar insistindo nas inevitáveis diferenças entre estas duas grandes mulheres santas. Porém, quanto mais as distinguirmos menos as afastamos, e mais elas se aproximam – os extremos tocam-se, que é o que se passa com a paleta de cores: nenhuma dispensa alguma, cada qual sobressai na comparação com outra. Porém, e porque o texto tem de fechar, feche-se relevando-se duas palavras, uma de cada qual, em jeito de imperfeita síntese: amigos e confiança. E uma terceira, caminho.

Amigos é palavra eleita de Teresa, confiança, de Teresinha. Caminho é de ambas, como se sabe.

Nada jamais Teresa fez sem amigos – nem mesmo para sair de casa paterna aos vinte anos, sob o amparo dos véus da madrugada! Por isso, sobretudo nos seus últimos vinte anos de vida, noite adentro, tantas cartas escreveu (15.000? 20.000?). O audaz empreendimento humano e espiritual de que Deus a encarregara fê-la esperar tudo dos amigos, incluindo do próprio Deus, o seu maior! Por meia sardinha a conquistavam, confessa ela, mas também é verdade que por igual porção de simpatia igualmente conquistava ela os corações mais improváveis. A gentil Teresa é grácil e atraente, e sabe-dora como ninguém de como cuidar e *engolosinar* as amizades. Sabe e não ignora que a amizade exige lhaneza a toda a prova e nunca máscaras, e trato frequente – e assim cuidou ela de ser, tanto com os da terra como com os do céu.

A amizade é para si um valor tão grande que jamais a dispensava, tanto pelos caminhos e pousadas no trato com os carreiros, como nos salões com as senhoras nobres, ou diante do tabernáculo, com Deus. E considera-a obrigatória na oração. Sim, que na oração ela sempre falava (e ensinou a falar) como se fala com um amigo, sem ademanos nem fingimentos, visto que onde há amizade os amigos estimam-se tal como são, não como se espera que sejam.

Tendo Teresa vivido num tempo tão récio e belicoso, muitos ainda hoje se espantam com o seu tão entranhável trato amigo com Deus: sim, o seu diálogo com Ele é um trato de amigos, mas amigos mesmo – e não é que ela reparou, desde a primeira hora, que é Ele quem diz: «*Vós sois meus amigos*»? Porém, com sempre lembrava, a amizade Dele não é a de um amigo ocupado com picuinhas, antes pré-ocupado em atrair-nos para uma intimidade tão íntima quão salutar. E reforçava: «*ninguém jamais tomou a Deus por amigo que ele não lhe pagasse*»; e justificava por experiência própria: «*sim, que nunca Deus me pediu um trabalho que logo não me tenha pago*».

Nada jamais Teresinha fez sem confiança. Se muito, se pouco, o que fez foi tendo por penha a confiança. Olha-se a sua vida, e o que mais nos surpreende é a dureza do seu longo inverno que a beleza da sua primavera em flor – como tanto sofreu aquela criatura, quer na infância, quer na juventude; e como tão cedo morreu expelindo secreto sangue pela boca, e restando cravada por dores horríveis à cruz em forma de cama, nela jazendo de alma ferida pela dúvida de saber se se salvaria!

Mas tanto nas dores como nas dúvidas, bem mais superior a elas era a sua confiança.

Grande drama é, nos dias de hoje, o sofrimento. Julgamo-nos construídos para só sorver doces alegrias e deliciosos *sunsets*, mas é tudo tão passageiro que, pronto, os sofrimentos nos assaltam como ultrajes – pelo que os tememos mais que aos inimigos invencíveis. Então, o que logo mais lamentamos é não podermos ser eternos no nosso despeito e na denúncia do escândalo perante tal ferrete.

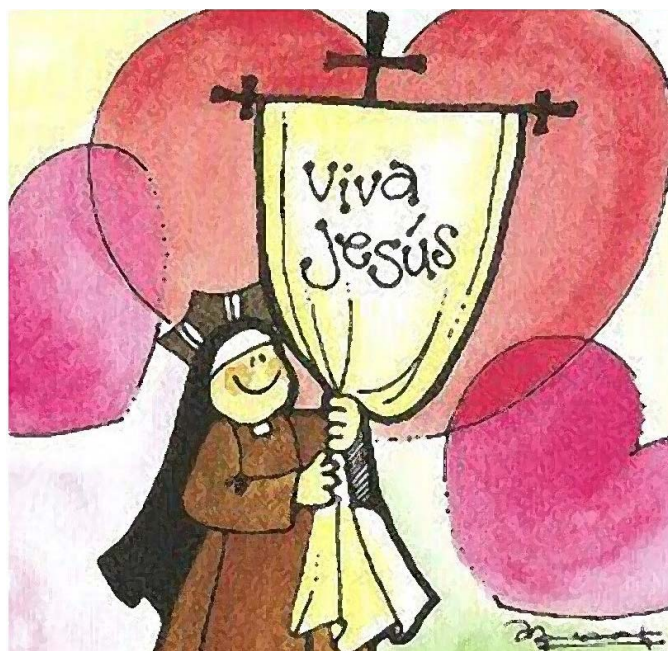
Mais que a pele bronzeada o que em nós é permanente é a ferida. Também em Teresinha, já mesmo desde tenra infância. Como ignorar o rasgão da sua alma provocado pela morte da mãe? Como não lamentar e com ela chorar a perda das duas mããs substitutas? Podemos nunca ter visto nem enxugado tais lágrimas, mas em boa verdade, qual é a criança que sobreviveria à perda em tão pouco tempo de três mããs? Eu olho para a ineludível ferida ou rasgão provocado na alma de Teresinha por tais perdas, e vejo que, em tão dolorosa fragilidade, ela se deixou tocar pela luz ao aceitar abandonar-se como uma criança nos braços de Deus – suspeitará, alguma vez, um bebé dormente ao colo do pai, que ele o possa deixar cair, ou que o abandone numa rua escura longe de casa? Não, tal bebé confia inocentemente, cegamente, no pai. E apesar de, desde cedo e durante os seus parcos dias, o mistério do sofrimento lhe ter sondado as raízes da alma, como poderoso leão, Teresinha preferiu confiar sem desanimar. Confiar sempre, sempre, sempre.

Se Teresa é amizade, Teresinha é confiança, pois tinha ela toda a certeza, e desde ela vivia, de que o que mais ofende a Jesus «*é a falta de confiança*» Nele.

4. E, finalmente, uma palavra comum às duas Teresas: caminho. Na verdade, o da Grande chama-se caminho de perfeição, e o da Pequenina, Caminho.

Um e outro são vias para a santidade, que ambas não falam nem sabem de outra coisa.

A proposta do caminho de perfeição de Teresa é o tal «*trato de amizade*» com o amigo, Deus – isto é, a oração. Em linguagem de Teresa, tratar é lidar frequentemente com



alguém – ora já se sabe, nisto como em tudo, o que sempre mais e mais rápido se aprende é o que entra pelo coração. Para o bem ou para o mal, o que mais rápido se aprende é aquilo que um amigo já ama, não o que ainda se não conhece. De facto, parece-me óbvio que se se ama o Amigo, logo se passa a gostar e a amar, mesmo sem querer, o que Ele já gosta e ama. (E se duvidar, faça a prova...)

O segredo do caminho é, pois, saber escolher o amigo, porque este nos levará pela mão às fontes do conhecimento! Às boas, se o amigo é dos bons; às óptimas e aos melhores deleites, se Jesus! Ou às más...

Igual ardor de perfeição e de santidade identificamos em Teresinha. Mas não lhe chama ela caminho, antes sim, caminho, que também ela queria ser santa, mas por rápido e bom caminho. Mas por sentir-se impotente até nas coisas mais miúdas, e por descobrir-se, em consequência, incapaz de vencer no caminho, escolheu não deixar-se vencer no ímpeto e na vontade. Isto é, entre o não desistir de ser santa e a impossibilidade de o fazer por forças próprias, Teresinha aprendeu (e assim nos ensina) a aceitar abandonar-se nos braços de Jesus, qual elevador que, grátis, nos eleva para o céu! Parece fácil, mas quem hoje quer abandonar-se, privando-se a si mesmo de conduzir o carro ou a trotinete da sua existência? Sim, poderá parecer fácil, mas o caminho do abandono não é desleixo ou passividade, antes um deixar-se amar a todo o momento, mesmo quando se escorrega e cai. O abandono é um deixar-se amar, deixar-se lavar e deixar-se elevar...

Ah, e já se sabe qual é a paga que amor exige – amá-lo. Amar o amor, como quão quase nada é o caminho de Teresinha!

Perfeição, caminho e santidade, doutra coisa não falam as Teresas. «*A perfeição – diz a filha – consiste em fazer a vontade de Deus*». Ora se para alcançarmos o que Ele quer que cada um seja é para cada qual tão difícil como transpor um degrau tão imenso como uma parede, o que, por fim, nessa situação Ele mais espera de nós é que jamais nos desalentemos perante o impossível, nem jamais vacilemos ou desistamos de subir, porque rápido chega o momento em que, vencido, Ele nos venha buscar e nos suba ao colo para o céu!

E lá saberíamos nós pedir mais?



20 a 22 outubro 2023

Espiritualidade no feminino

XI Congresso de Espiritualidade

Organização

Institutos de inspiração carmelitana e teresiana

Ordem do Carmo | Ordem dos Carmelitas Descalços

Companhia de Santa Teresa | Carmelitas Missionárias

Instituição Teresiana

Pastoral da Espiritualidade — Plano de Atividades 2023 2024

OUTUBRO 2022

7 – Jornada com S. Teresinha. Orienta Fr. Carlos Eduardo. Igreja do Carmo, Viana do Castelo.
14 – De véspera com S. Teresa. Orienta P. Noé Martins. Online: 21h30.
14 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
20 a 22 - XI Congresso de Espiritualidade: “A espiritualidade no feminino”.
Organizam: Institutos de inspiração carmelita e teresiana. Domus Carmeli, Fátima.

NOVEMBRO 2023

6 – De véspera com B. Francisco Palau.
Orientam: Carmelitas Missionárias. Online: 21h30.
7 – De véspera com S. Isabel da Trindade.
Orienta P. Francisco Braguês. Online: 21h30.
10 a 12 – Escola de Oração na Escola de Maria: 4º módulo. Domus Carmeli, Fátima.
11 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
18 – Tardes com Deus. Igreja do Carmo, Braga.
24 a 26 – Retiro de Advento: “De mãos vazias, rumo à luz”.
Orienta P. Francisco Braguês. Organiza: Ocds. Domus Carmeli, Fátima.

DEZEMBRO 2023

9 – Retiro de Advento. Orienta P. Agostinho Castro. Igreja do Carmo, Viana do Castelo.
13 – De véspera com S. João da Cruz. Orienta P. André de Santa Maria.
Online: 21h30.
15 a 17 – Retiro de Advento. Orienta P. André de Santa Maria. Convento de Avesadas.

JANEIRO 2024

5 a 7 – XXVI Rumos. Domus Carmeli, Fátima.
12 a 14 – Escola de Oração na Escola de Maria: 5º módulo. Domus Carmeli, Fátima.
13 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
20 – Jornada com S. Teresinha. Orienta P. Marco Caldas. Igreja do Carmo, Viana do Castelo.

FEVEREIRO 2024

5 a 9 – Retiro para Sacerdotes. Orienta P. Joaquim Teixeira, com a colaboração do Carmelo de S. José. Domus Carmeli, Fátima.
10 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
17 – Tardes com Deus. Igreja do Carmo, Braga.
24 – Retiro de Quaresma. Orienta P. Nuno Pereira. Igreja do Carmo, Viana do Castelo.

MARÇO 2023

1 a 3 – Retiro de Quaresma. Orienta P. André de Santa Maria. Organiza: Ocds. Convento de Avesadas.
8 a 10 – Retiro da Escola de Oração.
Orientam P. Joaquim Teixeira e P. Renato Pereira. Domus Carmeli, Fátima.
9 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
18 – De véspera com S. José. Orienta P. Renato Pereira. Online: 21h30.
22 a 24 – XXVI Rumos. Domus Carmeli, Fátima.
27 a 31 – Páscoa com o Carmelo. Domus Carmeli, Fátima.
27 a 31 – Páscoa com o Carmelo. Convento de Avesadas.

ABRIL 2024

13 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
19 a 21 – II Congresso de S. Teresinha do Menino Jesus. Domus Carmeli, Fátima.

MAIO 2024

11 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
17 a 19 – III Jornadas de Longevidade e Espiritualidade: “O Desenvolvimento Humano Integral”. Coordena: Dra Alexandra Araújo e Padres Carmelitas Descalços. Domus Carmeli, Fátima.
18 – Tardes com Deus. Igreja do Carmo, Braga.

JUNHO 2024

2 – Peregrinação ao Santuário do Menino Jesus de Praga. Convento de Avesadas.
8 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
17 – Um sinal de amor a Maria: o Escapulário (Parte 1). Online, 21h30.
21 a 23 – Mística e Místicos - 3º módulo: S. João da Cruz. Domus Carmeli, Fátima.
24 – Um sinal de amor a Maria: o Escapulário (Parte 2). Online, 21h30.

JULHO 2024

1 - Um sinal de amor a Maria: o Escapulário (Parte 3). Online, 21h30.
13 – Encontro Junto à Fonte. Orienta P. Carlos Vieira. Igreja do Carmo, Braga.
15 – De véspera com Nossa Senhora do Carmo. Orienta Fr. João Costa e Verónica Parente. Online: 21h30.

AGOSTO 2024

8 – De véspera com S. Edith Stein. Orienta P. João Vieira. Online: 21h30.
26 a 30 – Retiro para Sacerdotes. Orienta P. Joaquim Teixeira, com a colaboração do Carmelo de S. José. Domus Carmeli, Fátima.

